

GUERREIRO É APOSTA DO FLAMENGO PARA ESTADUAL DE 2016 +16



AOS 38, MARÍLSON SONHA EM ENCERRAR A CARREIRA COM PÓDIO NA RIO-2016 +14



LIQUIDAÇÃO LÁPIS VERMELHO

DE 28 A 31/1

ParkShopping
Completo pra você

liquidacaolapisvermelho.com.br

www.destakjornal.com.br | [destakbrasil](#) | [@Destak](#) | Edição nº 1382 Ano 7. Jornal de distribuição gratuita. Venda proibida

Destak

29.01.2016 Sexta-feira **BRASÍLIA**

NÃO PERCA 23H30 SEXO&DROGAS&ROCK&ROLL - estreia domingo, no FX

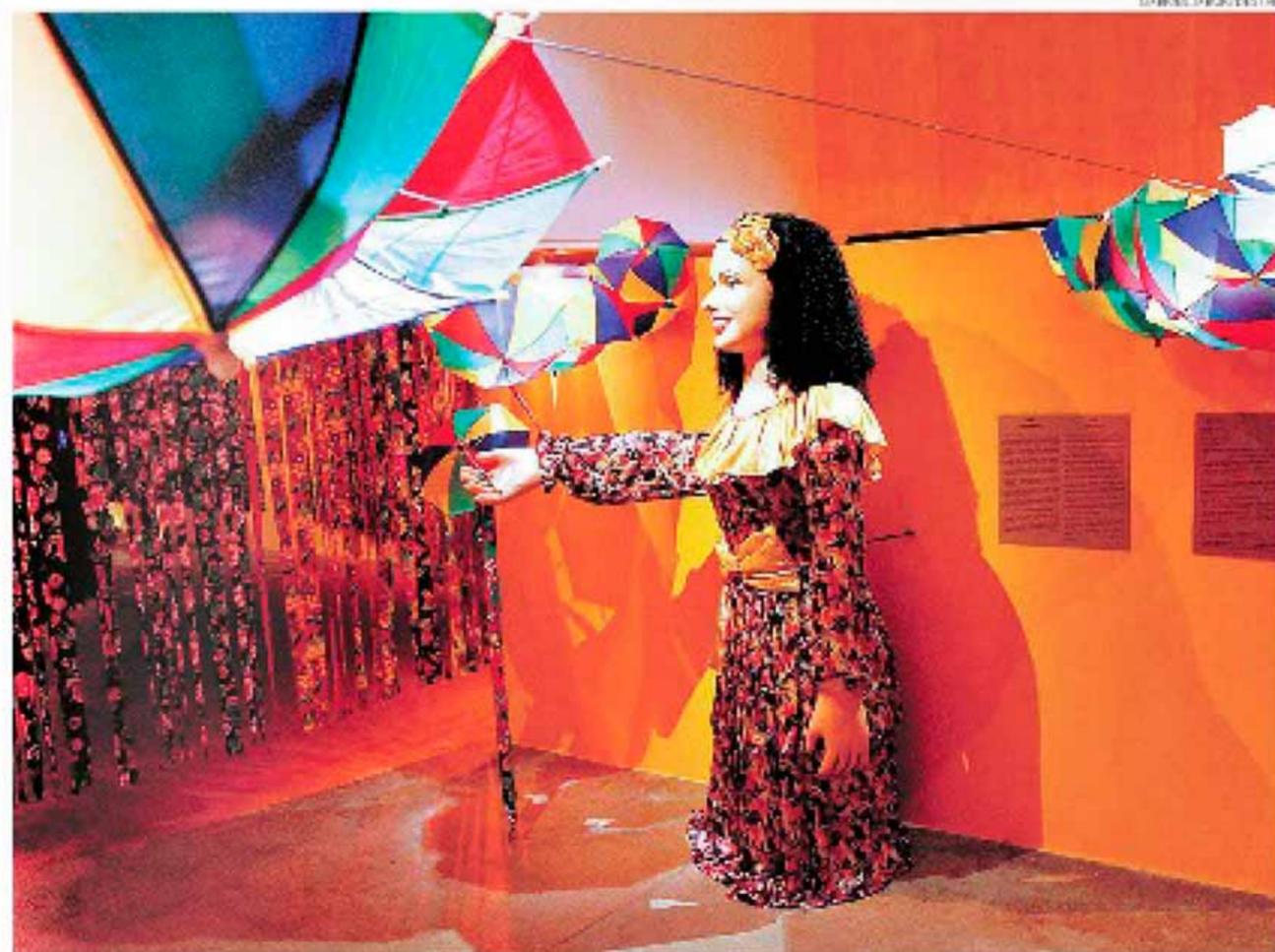
BRASÍLIA +3

Orçamento para os gastos com pessoal está estourado

• Governador Rodrigo Rollemberg anunciou ontem que o GDF já ultrapassou o limite prudencial que é permitido pela Lei de Responsabilidade Fiscal

• Executivo busca formas de aumentar arrecadação, mas governador já descartou novo aumento de impostos. Restos a pagar somam R\$ 3 bilhões

DIVERSÃO & ARTE



SEU VALOR +6

Governo federal libera R\$ 83 bilhões para ajudar a reaquecer a economia

MUNDO +4

OMS prevê 4 milhões de casos de zika na América; 1,5 milhão só no Brasil

BRASÍLIA +3

Vice governador perde cunhada para a dengue e critica ações de combate

DIVERSÃO & ARTE +9



Exposição sobre Frida Kahlo chega a Brasília em abril

BRASÍLIA



PATRIMÔNIO IMATERIAL É o nome da exposição que está em cartaz na Caixa Cultural até o dia 27 de março. A mostra traz 38 bens culturais já reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (Iphan). Aberta de terça a domingo, das 9h às 21h. Gratuita

Tesouros da cultura nacional

Exposição. Caixa Cultural recebe a partir de hoje mostra interativa que divulga as 38 manifestações que são patrimônios imateriais do Brasil

O Brasil tem 38 bens culturais que são patrimônios imateriais do país. O título é dado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) a algumas manifestações que são tão características da cultura de suas regiões ou mesmo do país inteiro que devem ser preservadas em suas tradições. Uma exposição interativa que abre hoje na Caixa Cultural, às 19h, tem como objetivo divulgar aos brasileiros quais são esses preciosos bens nacionais.

A mostra 'Patrimônio Imaterial Brasileiro – A Celebração Viva da Cultura dos Povos' recria ambientes de algumas dessas manifestações, como a Festa do Divino, em Pirenópolis (GO), e apresenta uma série de vídeos, fotos e textos sobre cada um destes bens. A exposição apresenta um recorte dos 38 patrimônios divididos em quatro categorias – saberes, lugares, celebrações e formas de expressão.

"A mostra permitirá o acesso do público a conhecimentos antes restritos às comunidades, que, por exemplo, produzem as panelas de barro para fazer moqueca", diz o curador, Luciano

Figueiredo.

A mostra que será apresentada em Brasília é mais completa do que as que passaram por Rio de Janeiro, Fortaleza, Salvador, Recife e São Paulo no ano passado. Aqui, a exposição foi ampliada para abarcar oito patrimônios reconhecidos em setembro último, como a Festa do Pau da Bandeira, realizada em Santo Antônio de Barbalha (CE).

Fazem parte da mostra bens como: o teatro de bonecos do Nordeste; o mamulengo de Pernambuco; o Bumba-meu-Boi do Maranhão; a forma de fazer queijo da Serra da Canastra, em Minas Gerais; o ofício das panelas de Goiabeiras do Espírito Santo; e outras. Para que uma manifestação seja reconhecida, o governo local deve entrar com um processo no Iphan. A análise leva até cinco anos.



BRUNO BUCIS
METRO BRASÍLIA

Serviço

Caixa Cultural, de hoje a 27 de março. Grátis. De terça a domingo, das 9h às 21h.

Conheça alguns dos patrimônios:



1. ROSILDA CRUZ/QUIVIA 2, 3 E 4. DIVULGAÇÃO



1 Ofício das baianas de acarajé (BA). 1 Receita é patrimônio nacional.

Inclui desde a vestimenta da baiana até a forma de servir.

2 Festa do Pau da Bandeira (CE). Evento 2 foi um dos últimos reconhecidos.

Festa popular e religiosa foi reconhecida por unanimidade.

3 Bonecas Karajá (GO/TO). Arte de 3 indígenas do Centro-Oeste está na lista.

Figuras de cerâmica representam rituais das tribos indígenas.

4 Roda de capoeira (nacional). Luta é 4 também patrimônio da humanidade.

Reconhecimento mundial da Unesco foi publicado em 2014.





Jefferson Henrique/Divulgação

Festa do pau de Santo Antônio de Barbalha, manifestação mais recente a ser reconhecida como patrimônio imaterial



Francisco Moreira da Costa/Divulgação

As cuias do baixo Amazonas também são protegidas

EXPOSIÇÃO REÚNE AS 38
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
REGISTRADAS COMO PATRIMÔNIO
IMATERIAL E CONTA A HISTÓRIA DE UM
PAÍS DIVERSO E CHEIO DE TRADIÇÕES

» NAHIMA MACIEL

Em 2014, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) já havia registrado 30 manifestações no catálogo de Patrimônio Imaterial. Hoje, esse número subiu para 38. A perspectiva é que continue a aumentar, por isso o desafio dos produtores Fernanda Pereira e Luiz Prado é constante. Idealizadores da exposição *Patrimônio Imaterial – A celebração viva da cultura dos povos*, eles precisam ficar atentos a cada nova montagem da mostra para não deixar de fora as novas catalogações. E já foram oito desde a estreia da exposição, em 2014.

Montada na galeria principal da Caixa Cultural, a mostra convida o público a um verdadeiro passeio pela cultura brasileira espalhada de norte a sul. A intenção é reunir, em um só espaço, exemplares de todos os registros de patrimônio imaterial realizados pelo Iphan e construir um acervo itinerante capaz de contar boa parte da cultura tradicional do país. O conjunto que agora chega a Brasília é dinâmico e já passou São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Salvador e Recife. Segundo a produtora, ele tem como missão levar ao público o máximo de informação possível sobre cada uma das manifestações. "Quando um bem é registrado, a sociedade passa a cuidar", explica Fernanda. "Então fizemos uma exposição para mostrar o Brasil que muitos desconhecem."

Responsável pela cenografia, Ronald Teixeira construiu um espaço museográfico no qual todo o mobiliário dialoga com o próprio acervo. Cortinas de fitas de chita separam os ambientes, mas a fragilidade do material permite um cruzamento dos sons e imagens propositalmente espalhados pela exposição. Os textos, vídeos e fotos de apoio para os objetos fazem parte também dos dossiês enviados ao Iphan, apoiador do projeto, para efetivar o processo de catalogação.

Na área central estão as manifestações catalogadas como Formas de Expressão, como o samba do Rio de Janeiro, o tambor de crioula, a capoeira, o carimbó e os sinetões do interior de Minas Gerais. Também na entrada fica a mais recente manifestação registrada, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, no Ceará, que passou a integrar o livro no ano passado. Uma área ficou reservada para as Cavalhadas de Pirenópolis. Esta é a primeira versão

Azineiro/Iphan/Divulgação



Pintura de boneca de barro dos Karajás

da mostra na qual os produtores conseguiram incluir as roupas dos brincantes. Até então, o acervo da mostra contava apenas com as máscaras.

Parte dos objetos foram emprestados pelos museus do Índio (Rio de Janeiro), do Círio (Belém) e do Folclore (Rio de Janeiro), além da Secretaria de Cultura do Maranhão, mas também foi necessário adquirir muita coisa que não se encontrava nos acervos dos museus. A exposição tem algumas preciosidades, como a mala com os objetos da feira de Caruaru, a mesma enviada à equipe do Iphan como parte do dossiê de catalogação, as bonecas de barro feitas pelas índias Karajás para explicar às crianças a história de seu próprio povo e a viola de coxo do Centro-Oeste, mostrada em várias etapas de fabricação. Um canto da exposição foi reservado para o Círio de Nazaré, com uma reprodução da tradicional berlinda que transporta a santa durante a procissão.

Nos vídeos de apoio, o público pode conferir os rostos e ofícios dos responsáveis por manter vivas as manifestações. Um deles revela o processo de confecção das bonecas dos Karajás, uma das expressões mais delicadas da exposição. Os brinquedos reproduzem cenas do cotidiano da aldeia e são confeccionados pelas índias para contar as histórias de como é viver entre os Karajás. Entrevistas com os bonequeiros de Pernambuco revelam a tradição do mamulengo e a rabeca é tema de outro vídeo, assim como o ofício dos sineiros de São João Del Rey, cujo trabalho virou patrimônio imaterial em 2009.

A baiana, sua indumentária e tabuleiro representam um ofício centenário na Bahia e dividem espaço com as panelas de barro das paneleiras de Goiabeiras (Espírito Santo), o primeiro bem a ser reconhecido patrimônio imaterial, em 2002. "Acho que a exposição vem num momento em que é importante falar desse patrimônio, especialmente agora que andam queimando terreiros", repara Fernanda. Para completar o circuito de norte a sul, um vídeo explica como a Tava de São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul, é um lugar de referência para os índios Guarani. O local está inscrito no livro dos Lugares e representa um espaço de culto e encontro com os ancestrais.

PRECIOSIDADES DA ALMA BRASILEIRA

"Acho que a exposição vem num momento em que é importante falar desse patrimônio, especialmente agora que andam queimando terreiros"

Fernanda Pereira, uma das organizadoras da mostra Patrimônio Imaterial.

FORMAS ORGÂNICAS

A Caixa Cultural recebe também a mostra *Prática comum segundo nosso jardim*, do paulistano Rodrigo Sassi. Com restos de madeira de construção, o artista constrói esculturas de grande porte com formas orgânicas e curvas. Sassi não costuma tratar a madeira com a qual trabalha, um artifício para guardar um pouco da história carregada pelo material. Nas galerias Piccolli I e II, ele mostra ainda um conjunto de xilogravuras e matrizes realizadas com os mesmos materiais utilizados nas esculturas.

PRÁTICA COMUM SEGUNDO NOSSO JARDIM

Exposição de Rodrigo Sassi. Visitação até 27 de março, de terça a domingo, das 9h às 21h.

POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO

Para ser reconhecido como patrimônio imaterial, um bem precisa se encaixar em uma das categorias listadas pelo Decreto 3551/00, que criou o registro de bens culturais de natureza imaterial e o Programa do Patrimônio Imaterial. São quatro tipos de manifestação – Formas de expressão, Lugares, Saberes e Celebrações – e cada uma delas precisa ser reconhecida pelos grupos sociais que representa como uma expressão fundamental de seu patrimônio cultural. A partir do registro em um dos Livros dos Saberes, o bem passa a ser protegido por uma política que inclui fomento, melhoria de condições para preservação e salvaguarda do saber, além de documentação com todas as informações possíveis sobre a manifestação.

PATRIMÔNIO IMATERIAL – A CELEBRAÇÃO VIVA DA CULTURA DOS POVOS

Visitação até 27 de março, de terça a domingo, das 9h às 21h, na Caixa Cultural (SBS – Qd 4, Lotes 14)

A atualidade de dois humanistas

Obras de Mario de Andrade e de Lina Bo Bardi são reeditadas pelo Iphan com um debate hoje na Caixa Cultural

» NAHIMA MACIEL

Mario de Andrade e Lina Bo Bardi não faziam parte de uma mesma geração, mas, de alguma forma, são personagens fundamentais para o patrimônio brasileiro. Mario, como autor, mas também como pensador da cultura tupiniquim e da necessidade de preservá-la; Lina como a grande humanista da arquitetura nacional. Os dois são tema de um debate, hoje, na Caixa Cultural, que reúne Jurema Machado, presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); as professoras Angélica Madeira e Mariza Veloso, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB); e o arquiteto Marcelo Ferraz, para falar sobre patrimônio imaterial e a obra dos dois artistas.

O debate faz parte da programação da exposição *Patrimônio Imaterial Brasileiro — A Celebração Viva da Cultura dos Povos*, em cartaz na Caixa. Durante o evento, também serão lançadas uma caixa com seis livros sobre as obras mais importantes da arquiteta, organizados por Marcelo Ferraz, e uma reedição de *O turista aprendiz*, de Mario de Andrade.

No livro, um clássico da literatura brasileira, o autor modernista faz um diário, um registro da viagem etnográfica empreendida pela Amazônia e pelo Nordeste entre 1927 e 1929. Reeditada pelo Iphan, a obra encorpou e ganhou notas, comentários e documentos, além de imagens e um CD com fotografias que ilustram a viagem do escritor. Para completar, um encarte traz DVD com o documentário *A casa de Mário*.

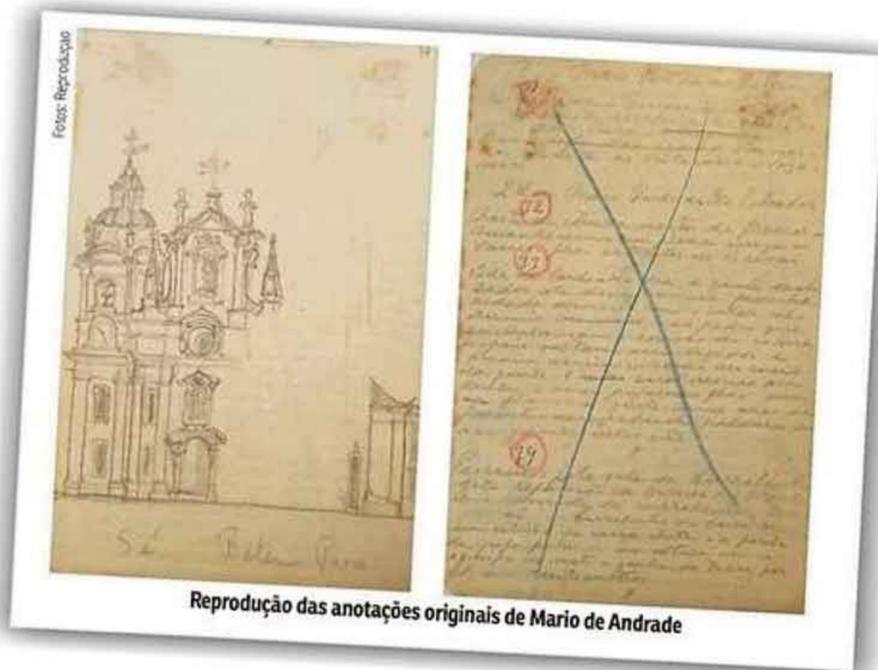
O Iphan decidiu investir na reedição comentada da obra depois de constatar que, apesar das inúmeras celebrações feitas a Mario de Andrade na última década — ele foi o homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty em 2015 —, *O turista aprendiz* estava esgotado e há muito não era reeditado. No DVD, o Iphan incluiu as mais de 900 fotos realizadas pelo escritor durante a viagem. O livro, lembra Luiz Philippe Perez Torelly, um dos diretores do Iphan, foi fundamental para que Mario criasse, mais tarde, o Anteprojeto de Preservação do Patrimônio Artístico Nacional a pedido de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e da Saúde.

A *Coleção Lina Bo Bardi* já havia sido publicada por uma editora portuguesa nos anos 1990 e volta agora reeditada pelo Iphan com novos textos e fotografias. Seis projetos, considerados por

Gilberto Travesso/Esp. CB/D.A Press



Museu de Arte de São Paulo, o projeto mais conhecido de Lina Bo Bardi, é um dos cartões postais da capital paulista



Reprodução das anotações originais de Mario de Andrade

Marcelo Ferraz como os mais importantes da arquiteta, ganharam um livro cada um. Estão lá a Casa de Vidro, o Teatro Oficina, o Museu de Arte de São Paulo (Masp) e os três eleitos por Ferraz como os mais significativos do pensamento da arquiteta: o Solar do Unhão, na Bahia, o Sesc Pompeia, em São Paulo, e a Igreja Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia.

Perspectiva humana

Lina Bo Bardi nasceu em Roma e estudou arquitetura na Itália. Casada com o jornalista Pietro Maria Bardi, veio para o Brasil em 1946, aos 32 anos, depois de lutar na resistência italiana durante a Segunda Guerra. Lina não foi uma arquiteta com centenas de projetos, mas foi res-

ponsável por uma das perspectivas mais humanas na arquitetura brasileira. "Lina combatia a ideia formal da arquitetura. Ela não iniciava um projeto pela questão formal; a questão formal era sempre uma consequência e isso é uma característica importante do trabalho dela. As obras tinham um cunho social e humano, ela tinha essa preocu-

pação de a obra ser muito vinculada ao uso que vai ser dado, às pessoas que vão utilizar", explica Ferraz, que trabalhou ao lado da arquiteta durante 15 anos, primeiro como estagiário, depois como colaborador.

Ferraz conheceu Lina nos anos 1970, quando cursava o quarto ano de arquitetura na Universidade de São Paulo (USP). A arquiteta precisava de um estagiário para ajudá-la no projeto do Sesc Pompeia e um professor de Ferraz indicou o estudante. Foram nove anos debruçado sobre a transformação dessa antiga fábrica de tambores em um dos mais importantes centros culturais da capital paulista. Foi também uma espécie de retorno de Lina à cena arquitetônica. Na época, ela já havia executado os projetos do Masp e do Solar do Unhão, mas enfrentava o que Ferraz chama de ostracismo alimentado pelo comportamento xenofobo da elite paulistana. Ele lembra que a obra de Lina sequer era mencionada nas aulas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/USP). O reconhecimento veio anos depois, quando o nome da italiana naturalizada brasileira entrou para a lista dos mais importantes arquitetos brasileiros do século 20.

Três perguntas Marcelo Ferraz

Qual o lugar de Lina Bo Bardi na arquitetura brasileira?

A obra da Lina não se filia a nenhum movimento, a nenhuma escola. As obras tinham um cunho social e humano. É a contribuição maior, principalmente hoje em dia. A crise econômica de 2008 deu um baque na arquitetura que vinha sendo feita há décadas, que é essa arquitetura show de grandes arquitetos, que tem início com o museu de Bilbao, do Frank Gehry. Todos começaram a fazer essas acrobacias, essa arquitetura mirabolante que poderia ser feita em qualquer lugar do mundo. São projetos totalmente desvinculados da realidade do lugar, da realidade antropológica, e feita com muito dinheiro. A crise de 2008 botou um freio nisso e as pessoas voltaram a olhar para uma obra como a da Lina, que tem muito a dizer, principalmente em países em desenvolvimento, em países pobres, que é como fazer muito com pouco. Essa é a grande lição da Lina.

RODA DE CONVERSA

Debate com Jurema Machado (presidente do Iphan), Angélica Madeira (socióloga), Marcelo Ferraz (arquiteto) e Mariza Veloso (socióloga). Hoje, às 18h, na Caixa Cultural Brasília.

Como ela influenciou a arquitetura brasileira?

Consigno enxergar nos jovens arquitetos de hoje e estudantes uma sede e uma vontade de entender a obra da Lina. Acho que ela influenciou muito não no sentido formal, mas no modo de pensar. As pessoas devem pensar profundamente no ambiente onde vai ser feito o projeto, o ambiente físico e humano, o sentido total. Isso é a lição da Lina e está circulando por aí nas escolas

Jefferson Rudy/CB/D.A Press - 27/3/03



de arquitetura. As pessoas têm sede de visitar a obra dela e de saber por que funciona tão bem. Essa observação acurada, e essa atenção, o respeito pelo usuário, essa é a lição para ser tomada.

É isso que é raro na arquitetura hoje?

É raro. Os arquitetos são, de maneira geral, muito arrogantes, se sentem demiurgos. Se fazem uma casa para você, sua casa pode ser confortável ou não, mas vai durar 20, 30 ou 50 anos.

Então, ela pode ser boa por 50 anos ou pode ser um desastre por 50 anos. E os arquitetos precisam ter consciência dessa dimensão, mas muitas vezes eles não têm. Então fazem caprichos arquitetônicos, frescuras, sem pensar para valer o quanto a arquitetura interfere na vida das pessoas, para o bem e para o mal. Os arquitetos de hoje e de sempre acham que podem fazer acontecer sem nenhuma responsabilidade nesse ponto de vista.



O turista aprendiz

De Mário de Andrade. Iphan, 462 páginas. R\$ 50,00



Coleção Lina Bo Bardi

Organização: Marcelo Ferraz. Iphan. R\$ 60